

Domingo, 23 de Novembro de 1958

RUBEM BRAGA

ALVINHO

NESSE domingo, 23 de novembro, em que Alvaro Moreyra faz setenta anos, eu não estarei no Rio para abraçá-lo: vou a Cachoeiro tomar meu banho anual de civilização...

A revista «Leitura» promove uma reunião de homenagem a Alvaro no auditório do Ministério da Educação, com apoio das outras revistas literárias — «Jornal de Letras», «Para Todos» e «Boletim Bibliográfico Brasileiro». Alvaro reúne em torno de si pessoas de todos os quadrantes porque é o nosso mais ameno professor de cordialidade. É um homem que acredita na bondade e na poesia da vida, embora sabendo o quanto elas são vasqueiras.

Conheci-o quando eu andava pelos 21 anos, naquela saudosa casa de Xavier da Silveira, onde qualquer pessoa se sentia em casa, tão simples e natural era a acolhida de seus donos. Para mim como para muitos outros jovens a casa de Alvinho era um lar dominical. Tenho-lhe até hoje uma gratidão física, porque muitas vezes aquela generosa feijoada era a única refeição decente e substancial que eu fazia durante toda a semana. Mas o que ele fornecia ao nosso espírito não era uma feijoada: era algo de leve, de limpo, era ao mesmo tempo ironia e ternura pela vida, era bom gosto e boa fé. Ria-se muito, mas rindo a gente aprendia a levar a sério o que vale a pena.

Devo muito a Alvaro, ao convívio de seus quadros, de seus livros, de inteligência e de sua estima. Muita gente de mais de uma geração poderia dizer o mesmo.